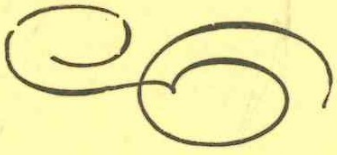
DÍDIMO MESQUITA

A Quadrilha do Pirecas



— Drama histórico vivido próximo de Viana do Castelo no princípio do século XX

BARCELOS
)
21.134.3-2Mesquit
ES

Ao Ex.mo Senhor
Dr Victor com ad-
miração.
Of. o autor
Didimo Jacquita
Forfaits Out 988

A Quadrilha do Pirecas

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA MUNICIPAL
Nº 55082

35082

2 ACTOS

Personagens

PIRECAS	45	anos
FORNOCA	30	»
SANCHO	30	»
PADORNELO	35	»
MANUEL	20	»
JOAQUINA	30	»
FANFARRA	60	»
MULHER	40	»
D. ANA	40	»
FERNANDO	25	»
JOÃO	35	»
CRIADO	25	»
CRIANÇA	7	»

2 ACTOS

Personagens

PIRECAS ... ... 45 anos

FORNOCA ... ... 30 »

SANCHO ... ... 30 »

PADORNELO ... ... 35 »

MANUEL ... ... 20 »

JOAQUINA ... ... 30 »

FUNERARI ... ... 60 »

MULHER ... ... 40 »

D. ANA ... ... 40 »

FERNANDO ... ... 25 »

JOÃO ... ... 35 »

CRIADO ... ... 25 »

CRIANÇA ... ... 7 »

A cena passa-se numa dependência da casa dos ladrões, vendo-se penduradas armas e outros objectos ligados ao roubo.

Ao abrir o pano está o Fornoca só no palco a apontar uma espingarda e dispara um tiro.

I CENA

FORNOCA — *dando uma gargalhada* — Ah, como eu sei disto! Mas um tiro dado ao acaso, é um tiro perdido... Só me regalo quando a chumbada vasa o peito de algum ricaço. Desses canalhas que abusam do dinheiro que têm, que nos olham com desprezo, que nos empurram para a miséria... que nos sugam o sangue como abutres...

Mas quando encontram pela frente cá o Fornoca, até os cabelos se levantam. Perdem a basófia, e até rastejam como cachorro podengo! Cobardes...

Tenho dentro deste corpo uma sede de sangue que... — *olha a espingarda* — Contigo minha amiga, estou tranquilo. Tu obedeces sempre ao meu dedo e apontas onde eu quero! Até me pélo todo quando puxo o gatilho e o chumbo acerta no corpo dum parasita. Até me pélo todo...

— *Noutro tom* — É cá o meu modo de vida... Cada qual é como é. Eu sou assim. — *vai virando as costas à entrada da porta* — E gosto disto raio... *(aparte)* Cada um é como é...

SANCHO — *Entra um passo* — É lá, oh amarelento, que estás para aí a resmungar?!

FORNOCA — *virando-se só um quarto* — É da tua conta? Mete-te com a tua vida, marreta do inferno... senão...

SANCHO — *dando um passo* — Senão quê?! — *tira um punhal do cinto* — Senão quê?... Não respondes. Pois atreve-te e verás como te arrancarei a língua cão danado... esse veneno, essa peçonha que vomitas, não assusta cá o Sancho... Ouviste ou não ouviste?... Agora calas... Sabes que as nossas contas da feira de São Julião ainda estão por saldar — *passeando no palco com o punhal na mão* — Ou tu ou eu. Um de nós anda aqui a mais.

O receio de matar ou morrer já o perdi há muito nas Portelas... *(aparte)* Canalha...

FORNOCA — *virando-se todo* — Pois se queres seja já. Não é tarde nem é cedo — *vai a fazer pontaria com a arma.*

II CENA

PADORNELO — *entra a correr e coloca-se a meio dos dois* — Prudência, rapazes. Haja paz entre vós. Esse vigor que ousais ter, guardai-o para de noite. É no escuro da noite, quando o diabo anda à solta, que eu gosto de ver a vossa valentia... o vosso destemor. Raio vos partam, miseráveis... *(empurra-os).*

SANCHO — *sai a resmungar* — Centopeia... escorpião. Talvez que a lua seja testemunha do teu último ganir... espera.

FORNOCA — Avisaste-me a tempo... veremos quem vai ganir primeiro...

PADORNELO — Mas que raio de corja!... Safa! Sempre pegados uns com os outros! Sempre a discutirem contas, como que o roubado fosse produto dum trabalho honrado! Sois a escumalha dos homens, a merda da sociedade... garotaige reles. Mas... cuidado. Muito cuidado cá com o chefe. Sabeis que ele não admite na sua quadrilha, resmungões do vosso quilate.

FORNOCA — Olhe. O chefe, esse grandalhão do Pirecas ainda não comeu ninguém. Ainda não vi peles de homem, fora desta pocilga de porcos. E fique sabendo Ti-Padornelo, que os meus ossos são muito duros para os dentes dele. São de bronze, de bronze puro — *agarrando uma faca que tira da cintura* — Olhe que este objecto ainda tem sangue seco no cabo. O fio está pronto para rasgar carne humana...

Ai do capitão ou do raio que os leve a vocês todos. Ouviu, seu vilão? Oxalá que nunca nos encontremos num caminho estreito. Oxalá... É de menos um bandido...

PADORNELO — Não blasfemes Fornoca. O Pirecas é valente bastante para te arrancar a língua, a ti, ou a qualquer outro que ouse enfrentá-lo.

Só falais assim nas costas dele! É a força dos cobardes...

FORNOCA — Sim?! Julgas que essa tua velhaca defesa o comove? O coração dele é de pedra... Não é com essa tua cantiga que ele te dá algum pataco.

PADORNELO — Cuidado, homem. Olha que as paredes têm ouvidos. O Sancho saiu daqui agora, e ele é capaz de tudo. Tu bem sabes...

FORNOCA — Esse infame canalha tem os dias contados... Hei-de arrancar-lhe o coração pelas costas como D. Pedro fez aos assassinos de D. Inez de Castro.

III CENA

MANUEL — *Entra vagaroso e triste* — Boas tardes senhores.

FORNOCA — Não tens que fazer lá fora, Cirineu?

MANUEL — Cruzes tio Fornoca! Bomecê anda sempre de má catadura! Eu nunca lhe fiz mal...

PADORNELO — Que vieste agora cheirar aqui dentro? Que tens tu a ver com a nossa vida?

MANUEL — *humilde* — Nada, caramba. Mas gosto de os ver mais amigos, mais alegres...

PADORNELO — Pretendes então, dar lições a quem é mais velho? Ensinar ou guiar, quem roda na vida sem freios? Somos homens sem coração, rapaz. Somos filhos da noite. Os nossos olhos só vêem o mal, e os ouvidos há muito que deixaram de ouvir as lérias como as tuas. O inferno é a nossa escola e o diabo o professor, — Ouviste meu «bebe água benta». Cão morto...

MANUEL — Que sermão! Vocês só sabem falar dessa maneira! Têm arreigado nas veias tanto ódio, que é como um sarro velho que não se despega! São escravos do mal que aceitaram, e vivem infeli-

zes. Tudo que os rodeia é uma praga que os persegue. Todos os homens que vivem sem Deus nunca têm tranquilidade nas suas vidas. São como os barquinhos no mar quando há tempestade... Mas... vamos ao que importa.

FORNOCA — *exaltado* — Ao que importa miserável? O que importava agora era vazar-te as tripas com esta faca. *(mostra-a).*

PADORNELO — E era de menos um empecilho que acabava, nas nossas andanças.

FORNOCA — *aponta a porta* — Arreda daqui. Já; cão tinhoso.

MANUEL — *saindo* — Miseráveis sem Deus...

PADORNELO — Este não quer roubar! Diz que nunca manchará as suas mãos no roubo...

FORNOCA — Oxalá o seu sangue não manche as minhas mãos. Mas... duvido! Tenho cá dentro uma sede de sangue, que é como uma coisa estranha a apoquentar-me, a massacrar-me, a torturar-me... O inferno me leve...

PADORNELO — Homem sem água benta, tu estás perdido! Que palanfrório é esse?! Tens que levar um banho de assento com a água do Cemitério. Isso é a bílis. Os teus fígados estão podres.

FORNOCA — Está certo. Não há como uma biscada para assentar o mau génio! — *sentam-se os dois a uma mesa e cravam as facas na mesma* — Que vai valer?

PADORNELO — Toda a colheita desta noite.

FORNOCA — Valeu. — *Jogam* — *Ouve-se cantar dentro.*

JOAQUINA — *Canta.*

O compadre vai à frente,
Dum grande império chinês;
bis Oh compadre chigadinho faz faz,
Oh compadre chigadinho fez fez.

Diz a gente que tem medo,
De passar no Reboledo;
bis Oh compadre chigadinho faz faz,
Oh compadre chigadinho fez fez.

O meu pai é um valente,
Mete medo a toda a gente;
bis Oh compadre chigadinho faz faz,
Oh compadre chigadinho fez fez.

PADORNELO — *Que tem cantado com a Joaquina o último verso bisado.*

FORNOCA — Deita bisca Padornelo, queres rambóia...

PADORNELO — A voz da Joaquina enfeitiça-me!

FORNOCA — Já sei isso há muito homem. Esse camião do gaz, só serve para ti. Em todo o Vale doNeiva não deve haver pajanca tão desajeitada. É mesmo mesmo um aborto da natureza...

PADORNELO — Que tens tu com isso. Quem o feio ama bonito lhe parece...

IV CENA

PIRECAS — *entra lentamente de semblante carregado até chegar junto dos dois* — Miseráveis... garotos.
É assim que vos preparais para o roubo?!
É assim que eu vos tenho instruído?
É assim? Canalhas...

FORNOCA — *deita as cartas ao chão discretamente.*

PIRECAS — São as cartas que vos dão agilidade, vigor e coragem? São as cartas que vos dão destemor e perspicácia para o roubo? Miseráveis, vilões...
As vossas ciladas deixam de incutir respeito — *dá um pontapé nas cartas* — Só estes reles papeis, estas cartas nauseabundas vos

prendem a atenção. Infames... Sabeis que a ordem é estar de sentinela ao toque das Trindades nos lugarejos do costume.

Sabeis que as Portelas estão sós? O Reboledo está livre? E Corutelo? Quem está lá?

Que homens tenho eu?! Um bando de ranhosos, de remelentos... De cagões.

O Zé do Telhado impôs-se, porque tinha gente capaz. O João Brandão, idem. E eu, o que tenho?

Uns come e dorme, uns pêcos sem vida...

Só têm maldade estes demónios...

Mas... não vos esqueçais, que eu só perdouo uma vez. Só uma vez. O Quim de Mazarefes abusou. Sabeis o que lhe sucedeu.

Não aviso mais vezes. Serei implacável na minha justiça — *vai a sair; virando-se diz* — Teimai, e o inferno receberá um de vós como presente. — *Sai.*

PADORNELO — Com esta não contava eu...

FORNOCA — Safa. Que trompas ele traz hoje! Raios o partam.

PADORNELO — Desta já escapamos. Vamos à vida que le o que diz, faz. Eu não quero o pescoço desconjuntado...

Para onde vamos?...

FORNOCA — Eu vou até aos «Alpões» que vão sendo horas.

PADORNELO — Vamos então ambos.

FORNOCA — *Olhando para dentro* — Vem aí o «Camião do Gaz».

PADORNELO — Agora não interessa. Leva tu 2 punhais que eu levo as facas e uma pistola — *armam-se e saiem.*

V CENA

JOAQUINA — *entra, olhando a saída dos dois* — Ainda vão agora estes malandros! Entregam-se à preguiça e depois é isto. Ah malditos, não vos corre nas veias o sangue do meu pai. Ah... se corresse, outro galo cantava.

Assim com estes peraltas, até perdemos o prestígio!

Parece que têm medo de despejar «marmelada» nesses patrões cheios de pingo que nos querem sempre mal...

VI CENA

MANUEL — *Entra lentamente* — Minha irmã, que estás para aí a dizer?

JOAQUINA — *Exaltada* — Que estou a dizer? Que tu és um maricas, um podengo, um cú de medo... Um...

MANUEL — *Triste* — Sou, sou Joaquina. Eu sei que sou um desgraçado cá em casa. Mas que queres minha irmã, não nasci para roubar.

JOAQUINA — Ai não! Só nasceste para comer.

Para dar é qut tu não nasceste, meu papa sôrda. És filho de peixe, tens que saber nadar. Em terra de lobos, uiva-se como eles...

MANUEL — Não podemos ser todos iguais. Eu sou assim. Até tenho remorsos...

JOAQUINA — Remorsos?! Remorsos de quê, rapaz? — De seres um mosca morta, só se for.

Remorsos... — *aparte* — Até dá vontade de lhe moer os ossos. — *a ele* — Se fosse ao nosso pai, tirava-te esses remorsos. Sabes que ainda devem estar quentes as cordas que esganaram aquele porco que roubamos em Navió.

MANUEL — *Sereno* — Não sejas assim Joaquina. A mulher deve ser sempre um anjo, uma flor que suavize as agruras da vida. E tu assim, com tanto ódio a tudo e a todos, fazes lembrar uma fera — *aparte* — que maldição há nesta casa! — *alto* — neste covil de ladrões.

JOAQUINA — *colérica* — Não cair agora um raio que te queimasse grande bandido.

Quem é que te alimenta? Quem é que perde noites inteiras para viver? Quem é?

O que tu és, sei-o eu. Um impostor. Um falso doutrinário. Um bebe água benta. Serás sempre, nem que não queiras — um filho do famigerado Pirecas. Nem que não queiras ouviste bem? Cada um tem uma signa. E dela, nunca fugirá. É como a sombra. Quem nasceu para cinco, nunca chegará a dez. Quem nascer torto, torto há-de morrer. Isto, são as leis da natureza...

MANUEL — *triste* — Infelizmente assim é. E porquê?

Por eu ser filho dum chefe de ladrões.

Não haveria porventura um modo de vida honesto em que todos pudessem ganhar o pão nosso de cada dia honradamente. Que pudéssemos passar nos povoados de cara levantada como gente de bem?

Como são felizes aqueles que tiveram pais honrados. Que os ensinaram a respeitar o semelhante e o que é dos outros. Quanto pesa na sociedade essa virtude sublime da dignidade humana...

O sétimo Mandamento da Lei de Deus, é não furtar. Ouviste Joaquina. O roubo é condenado pela Lei de Deus. Quem a não res-respeita, nunca será feliz.

E eu sinto na minha sensibilidade, esse anátema do Criador de todas as coisas — *aparte e mais triste* — Como isto tudo me dilacera a alma. — *à Joaquina* — Respeito muito o meu pai, porque também é Mandamento do Céu. É o 4.º Mandamento.

JOAQUINA — *muito adminada* — Ena pá o que aí vai!

Parecias mesmo um Fradinho Melúria a pregar um sermão às moças. Ora tu, meu anjinho de cera barata, queres dar lições de moral a quem te alimenta todos os dias? Censuras a nossa vida, e reprovas o que fazemos!

Sabes o que tu és? Um rato de sacristia como tantos outros que abundam por aí. Procurais uma boa capa, para esconder muita malandrice... — *noutro tom* — Mas o povo, sabes, já vos topou, e tem nojo de vós...

MANUEL — Ah Joaquina! Como tens um coração de ferro...

Há coisas que se passam cá, que me envergonham... Que abalam todo o meu ser. Recordas-te daquela pobre viúva que veio aqui banhada em lágrimas pedir pelas almas, que déssemos ao menos metade do dinheiro que o Fornoca lhe roubou na feira de Barroselas? Coitada, metia dó com o filhinho ao colo. Aquele dinheiro não era dela, pediu-o emprestado para comprar uma toura.

E o pai, não a atendeu!... Empurrou-a pela porta fora!... Ah minha irmã, como me custou ver isso...

JOAQUINA — Olha lá, tu sabes se isso é verdade? Nós pagamos muita coisa que não fazemos. O mal de tudo neste mundo é ganhar-se fama, seja do que for. Quando se cai em desgraça todos o apontam sem piedade! Em vez de se procurar ajudar, empurram-no para o abismo! — *aparte* — Quantas vezes era fácil recuperar um infeliz, mas ninguém lhe dá a mão! Se esse desgraçado bate à porta de alguém, respondem friamente — Não pode ser: Deus o favoreça: Como se estas palavras mitigassem a fome a quem a tem...

— *ao irmão* — É por isso meu amigo, que há pessoas e grupos marginalizados, porque a sociedade não os quis ajudar e o corpo não tem raízes para o chão... Percebes agora porque roubamos?

MANUEL — Minha irmã, perdoa-me. Mas... não há pessoa alguma, que não sinta muitos espinhos na vida... É preciso rodeá-los antes de se resvalar no precipício, é preciso contornar os obstáculos com paciência, com resignação. E há tantos que voluntariamente se lançam contra as leis da vida, só por ódio e rancor à humanidade a que pertencem! Quantos, por isso, têm sido deportados para a Costa de África e por lá ficam... Quando penso nisto, tremo todo Joaquina! É que eu amo a terra onde nasci — *aparte* — O mais lindo sol do mundo... A mais bela natureza do País! Estas terras de Viana não devem ter comparação... São o jardim do mundo... — *pensativo* — E aqui, repousa a minha mãe que Deus levou... Que me ensinou a rezar e a cantar, a respeitar e a obedecer! Como era boa a minha mãe...

JOAQUINA — Raios te partam cãozinho de senhora...

Quem tem poderes agora de degradar uma pessoa? Quem é? Só o rei D. Carlos, mas onde pára ele agora? Quem com ferros mata com ferros morre...

MANUEL — Enfim Joaquina, tu já não tens ouvidos, nem résteas de algo de bom! Para ti, só o mal tem guarida... Como as pessoas se transformam em feras... Não acreditas na justiça, porque tudo até aqui tem corrido bem. Mas... não há bem que não acabe, nem mal que sempre dure... Tu sabes que o pai, anda a estudar o assalto ao Castelo de Corutelo. Sabes o que representa para a nossa pequenês, desafiar uma nobre família que tem nas paredes seculares grandes brasões? Tu sabes, e o pai saberá tam-

bém, que nesse velho castelo, mora um destemido mancebo, que se cobriu de glória nas lutas onde interferiu Portugal?! O pai não tem escrúpulos, e está a cavar a sua desgraça e a nossa... Já sinto a terra a fugir-me dos pés. Essa ambição desmedida, vai ser o fim de todos nós!... Vai ser, tenho a certeza...

JOAQUINA — Oh rapaz, isso é jornal da caserna! Antes fosse verdade, caramba... Coisas assim de monta, é que dão respeito à gente... e lucro, já se vê.

VII CENA

SANCHO — *Espreita à porta com cuidado, depois entra com uma espingarda na mão* — Já não está aqui o malvado do Fornoca?

JOAQUINA — *virando-se* — Bem vês que não.

SANCHO — *pousando a arma* — Pois é pena rapariga... Era hoje mesmo, agora mesmo, que o mandava para o inferno... Peste maligna...

MANUEL — *àparte* — Sempre isto! Ódios, invejas, crimes, maldições... É o fruto dos que vivem fora das Leis!

SANCHO — *a Joaquina* — Este Cireneu que estava para aqui a lanzuar contigo?

JOAQUINA — *dando aos ombros* — Oh... É um medricas. Diz que anda assustado com a ideia que temos de assaltar o Castelo de Corutelo.

SANCHO — *dá uma gargalhada* — Que é que se há-de esperar duma merda destas. Devia usar saias este remeloso. — *à Joaquina* — Tu sim! A ti, ficavam-te bem umas calças de tomentos, daquelas que coçam as carnes da gente. — *pondo-lhe as mãos* — Vales um dinheirão, rapariga. És a nossa estrela, a nossa força... Todos te devemos muito... — *ao Manuel* — agora tu lazarento — *cínico* — sossega que ninguém conta contigo — *aparte* — Mas, fazer-se o assalto, isso é que sim. Ou eu não serei mais o Sancho Mausão.

JOAQUINA — Dizem que há no castelo, uma arca cheia de cruzados novos...

SANCHO — Oh mulher... de cruzados, de peças, e de muitos dobrões... Moedas como moscas... Mas se lá formos, cairão aqui aos montes! — *à Joaquina, entusiasmado, fazendo gestos* — Olha, eu a apadejar moedas com estas mãos. — *noutro tom resoluto* — Temos que ir lá, custe o que custar. Quem não se arrisca não petisca...

Sabes que venho de arranjar reforços para essa empreitada. O seguro morreu de velho...

Lá o filho do fidalgo tem fama de ser um dos melhores atiradores da Península, bom espadachim e valente como um leão. Temos que cogitar bem a coisa senão... Adeus Portugal que vou para Lisboa.

JOAQUINA — Que esse figurão do castelo tem fama, isso é verdade. Ainda me lembro do Friastelas recear passar lá por perto. Uma noite, levou uma rajada tão certeira que nunca mais saiu da cama. E assim morreu, coitado.

SANCHO — É verdade, esse figurão é duma coragem indómita, e não receia enfrentar-nos a todos!

JOAQUINA — *fazendo uma cruz* — Cruzes canhoto, para lá semelhante bicho...

SANCHO — E, depois de assanhado, todo o cuidado é pouco! É um hércules de força e destreza!

MANUEL — *que os tem ouvido. Àparte* — Graças a Deus que já o sabem — *aos dois* — E então, sabendo tudo isso, ainda teimam? Ou eu me engano muito, ou vai ser esta a vossa última aventura...

SANCHO — *amarrando-o* — Que dizes, patife?

MANUEL — Que vai ser esta aventura, a mais desgraçada de todas. Será a requisição para o degredo! O fim... — *àparte* — Terrível anátema paira sobre vós.

JOAQUINA — *a uma janela* — Aí vem o avô, diabos. É melhor sairmos. Ele anda sempre com os fígados avariados.

SANCHO — Esse velho resmungão, nunca mais morre...

MANUEL — Isso não é da sua conta. Deus é quem manda. Nunca se deve desejar a morte a alguém... Morte desejada, vida dobrada. Ouviu tio Sancho. Deixe lá o avô viver.

VIII CENA

FANFARRA — *entra com uma maleta, olhando-os desconfiado* — Que fazeis aqui parasitas? Quem não trabalha deve morrer... A peste ainda não vos encontrou, demónios — *aponta-lhes a porta* — Arreda, todos... Já. canalhas do inferno...

OS TRÊS — *saiem resmungando.*

FANFARRA — *olhando a porta* — Piolhosos... Ide para o mar coalhado. — *senta-se, abre a maleta e confere* — Para hoje já arranjei... Eles bem gritam, mas largam tudo para não morrerem... — *noutro tom* — Ninguém quer morrer! Os padres dizem que depois desta vida há outra melhor. Mas... deixemo-nos de caldos de unto. Aqui a gente sempre vai vendo como é. E cada um amanha-se como pode. Lá... ninguém sabe nada... ninguém escreve!...

IX CENA

PIRECA — *entra vagaroso de espinguarda atravessada nos ombros, coloca-a encostada num cabide e vai sentar-se junto ao Fanfarra.*

FANFARRA — *olha-o com raiva* — Que é que falta?

PIRECA — Venho pedir-lhe um conselho.

FANFARRA — Fraco advogado procuras...

PIRECA — Ando muito preocupado com a ideia de irmos a Corutelo. É trabalho de muita monta para as nossas possibilidades... É um risco bastante ousado e sujeito a fracasso. Os meus homens estão entusiasmados, bem sei. Mas... são bastante inconscientes e medem tudo pela mesma medida! Não sei o que faça! O Manuel consome-me para desistir dessa ideia, e às vezes ele tem razão...

Isto apoquenta-me deveras... Não sei que faça!...

É que se falhamos, adeus minha viola.

FANFARRA — *olhando-o com ironia* — Lá há dinheiro?

PIRECA — Dizem que sim e que não é pouco...

FANFARRA — Pois se há, mãos à obra. Dos fracos não reza a história. Quantos homens tens?

PIRECA — Aproximadamente 40. Isto, mais ou menos. Bem sabe que alguns faltam sempre.

FANFARRA — Chegam bem. Poucos e bons... E cavalos quantos tens?

PIRECA — Tenho o lasão que apanhamos em Coura. O preto que roubamos aos ciganos. O garrano que encontramos em Vila Verde e o castanho que você me vendeu.

FANFARRA — Chegam. De noite todos os gatos são pardos. Quem os ouvir a galopar vai logo dizer que é um regimento. É assim o povo, aumenta sempre. E sabendo que somos nós, mais aumentam com o medo! Mãos à obra rapaz. Arranja armas e pólvora suficiente, mentaliza os teus homens — essa malta que tens...

Olha que é preciso muito cuidado e engenho. Alguns dos homens que tens são muito burros. Só sabem fazer barulho e estardalhaço. Foi por isso que atirei ao rio o Guedelhas de Gremancinhos.

Para uma coisa destas é preciso muita instrução. Manda primeiro 2 dias antes, alguém da tua confiança inspeccionar o sítio e os costumes dessa gente do castelo. Eles devem ter criados, vigias e bons cães.

Quem mandas chefiar a quadrilha?

PIRECA — Penso mandar o Fornoca pela Rosende direito a Navió, e daí, sempre pelo Norte. Isto, para fugir ao povoado. Para não haver alarme. Se os de Balugães ou Poiares nos pressentem, tocam logo os sinos a rebate e é o diabo. É metralha por todos os lados até de manhã. Ninguém se safa...

FANFARRA — E pelo Sul quem mandas?

PIRECA — Vai o Sancho. Sai daqui direito à Ponte das Tábuas, contorna o rio Neiva pela margem direita, até ao afluente Nevoínho. Daí, sobem à Ponte dos Ferrinhos, passam o Pedregal e, lá mais acima, dão os sinais do costume para atacarem o castelo por 2 frentes. Se formos felizes apanhámo-los sem matar ninguém. Eu não quero mortes...

Metade da malta, vai com o Fornoca, a outra metade vai com o Sancho. Eu vou-os orientando no vai-vem que presumo suceda. O Padornelo que cavalga bem e é destemido faz de estafeta com o cavalo preto...

FANFARRA — *abrindo os braços de satisfação* — Oh homem, tu ainda vacilas! Está tudo bem concebido. Cogitaste as coisas como um capitão. É asim mesmo, caramba. — *olhando o Pirecas* — Mas... vejo-te tão pálido! Que raio é isso?! Parece que visto a Pandorca de Airão!... Ou tens restolho nas tripas?!...

PIRECA — *passeando a disfarçar* — Sinto em mim uma coisa estranha que me atrofia os sentidos... que me imobiliza a acção, que me peia e arrefece! Que diabo... nunca senti isto! Parece que o sangue se opõe à minha vontade...

FANFARRA — *dando um pontapé na maleta* — Isso é medo raio... isso é a indecisão dos cagarolas, homem — *passeando* — Mau, mau, mau. Se tens medo, eu comando esta operação com prazer. — *mostra um revólver* — Não fica um vivo lá no castelo raio... Não ouso misericórdias como tu! Tenho raiva a esses pedantes.

— *ao Pireca* — Então tu com uma tropa que tens, ainda sentes cagaço! Pois olha. Eu sou capaz de assaltar o 8 de Braga com a tropa que tens.

Apesar de velho, ainda sinto ganas de rasgar o bandulho a qualquer fidalgo. — *àparte* — Os homens não se medem aos palmos...

— *ao Pireca com ironia* — Que corpanzil de merda é esse?! Um homem, só é grande pelo que faz... Seja no que for...

PIRECA — *envergonhado* — Bem... medo, medo não é. É a responsabilidade... Você sabe que tudo pode fracassar. Eu sou o responsável pelo destino dos homens que levo, e que confiam em mim.

Apesar do que faço, por necessidade de viver, ainda tenho cá dentro umas résteas de consciência.

FANFARRA — *revoltado* — Trampa. O que tens aí dentro é trampa. Trampa e mais nada. — *àparte* — Que cu de medo! É nas ocasiões de importância que os homens se conhecem melhor — *ao Pireca* — E eu, só hoje, só agora vi o que és! Um caguinhas...

PIRECA — *envergonhado* — Vou pensar melhor...

FANFARRA — Pensa, raio. Pensa à tua vontade que eu saio daqui para fora — *sai.*

PIRECA — *só, pensando e passeando* — Há momentos na vida de um homem tão falhos de raciocínio, tão pouco claros e tão preocupantes, que, mesmo com muita força de vontade, não consegue tomar um rumo certo!... Parece incrível, mas é certo. Quando me lembro deste assalto, até as fibras mais sensíveis se tocam como descarga eléctrica... É como um raio me fulminase...

Oh vida minha que tanto me pesas...

Nunca temi. A morte mesmo pouco me importa.

Nunca saí de casa com a esperança de entrar! Vagueio por aí como um monstro a coberto da escuridão, sujeito ao frio, à chuva e até à metralha de tantos que me odeiam... Amigos não tenho!... Eu sei que alguns, até de boas carnes me batem palmadinhas nas costas. Mas não me iludo. Fazem-no por medo.

São até estes, os mais traiçoeiros, sempre contra mim, sem eu nunca lhes fazer mal algum...

— *olhando o Céu* — Oh céus, tende piedade deste homem empedernido, que já vai sentindo os anos neste arcaboiço velho. A morte seria para mim um alívio. Seria o findar duma tormenta contínua, que já dura há algumas dezenas de anos. Mas... não a forço. Quero a morte natural, aquela que é dada por Deus. — *Tirando um revólver da cintura, e olhando-o* — Está aqui, neste pequeno objecto, todo o meu alívio. Era o acabar de tudo que me mortifica, o aliviar estas paragens dum terror que os consome. Coisa tão pequenina e dá tanta solução. Só o puxar dum dedo, e pronto. Caso consumado. — *Tomando ânimo* — Não. Não devo vacilar. Um homem é um homem; — *tomando alento* — Raio... que estava a magicar! Coragem corpo. Ainda sinto o sangue nas veias, o vigor e a agilidade dos novos. De Portela a Portela, do Neiva ao Lima eu galgo essas léguas todas as noites. Que importa que chova ou vente, que caiam raios e coriscos. É nessas noites feias de tempestades desabridas, que faço melhor colheita. Que me importa a mim os rogos, as lágrimas ou clemências. Que me importa a mim a miséria dos outros.

Mas... que diabo, só me arrepia cá o toutiço, esses fidalgos de Corutelo. Com coisas sérias não se brinca, e esse bandalho é capaz de me apertar os gorgomilhos como fez ao Alcaide de Monterrosa.

Para mim, era uma vergonha...

Tido como homem valente, era uma vergonha... Mas diz um ditado velho, que todo o homem tem uma caidela grande e eu não fugirei à regra. O fanfarrão do meu sogro diz que toma ele conta da coisa!... Que não tem medo... Ora o raio do velho que mal segura os tamancos. Raios o partam. Gabarola...

X CENA

MANUEL — *à porta* — Dá licença meu pai?

PIRECA — Que queres daqui Manuel?

MANUEL — Quero falar-lhe, meu pai.

PIRECA — Então entra.

MANUEL — Meu pai, há muito que trago cravada no peito, uma dor que me definha. Uma melancolia que me apouca os sentidos.

PIRECA — Que foi rapaz?! Viste alguma alma penada, ou que raio tens tu nesse toutiço!

MANUEL — *triste* — Não. Não vi nada meu pai. É um pressentimento que me sufoca os sentidos... Que me atrofia o coração, que me despedaça a alma. — *Encarando o pai* — Ah meu pai! É o amor dum filho que o estremece... Por amor de Deus, ou pela alma da minha mãe, não vá roubar a Corutelo. — *acariciando-o* — Não vá meu pai. Todas as noites em sonhos eu vejo ruir sobre nós um anátema terrível. Vejo luto e sangue.

PIRECA — Olha meu filho, há coisas na vida, que embora criadas na sua origem por um homem só, não dependem só dele depois! Uma associação de interesses comuns, ou um idealismo pluralista, força-nos a caminhar por caminhos diferentes daqueles que sonhamos!... E contrafeitos, seguimos. Seguimos sempre, sem podermos obstar a essa caminhada. Sem podermos dizer não. Não. Não. Não tivemos coragem de o dizer quando o devíamos dizer, e depois é tarde. Palavra tão pequenina é o não. Mas, dita na hora das responsabilidades, define os homens fortes e corajosos. E eu meu filho, não fui corajoso para dizer não, quando se concebeu a ideia do assalto a Corutelo.

Fui vaidoso. Julguei-me um super-homem e agora queria dizer não. E agora que tudo se me aclara com a cor verdadeira dum perigo iminente, eu não posso dizer não! A máquina do crime começou a funcionar e tudo se conjuga para o malfadado assalto. — *com pesar, abraçando o Manuel* — Meu filho, gostaria de compartilhar contigo, todo o bem que sentes nessa tua alma cândida, mas não posso. Há um provérbio que diz: «Quem semeia ventos colhe tempestades». E eu, meu filho, levei toda a mocidade a semear ventos...

MANUEL — Não desespere, meu pai. A misericórdia de Deus não tem limites. Jesus, numa das suas sábias parábolas, disse aos apóstolos:

«Perdoai setenta vezes sete». Que o mesmo seria dizer. Perdoai sempre, sempre, sempre...

Tenha Fé, meu pai.

Há sempre tempo de travar os nossos instintos. A Misericórdia Divina está sempre ao nosso lado.

XI CENA

FANFARRA — *entra zangado — a Pirecas* — Que raio de homem és tu, que até dás ouvidos a este mostrengo de medo! — *com rancor* — Já daqui para fora. Maricão da praia.

MANUEL — *sai.*

FANFARRA — *ao Pirecas* — Detrás daquele tapume ouvi tudo! — *exaltado* — Até sentia a bílis encher-me a boca.

— *colérico* — Ouviste, homem. Nesta profissão não pode haver medo seja do que for. Se temes o filho do fidalgo, manda-o para mim. Olha que estes velhos ossos não quebram nem torcem com valentias de fidalgos — *àparte* — Até tinha prazer de o espremer numa prensa. Para que serve essa germindade de gente! Que produzem eles? Olha, meu amigo, nós e eles, pesados numa balança, evitavam-se contrapesos... Percebes o que quero dizer? — *com desprezo* — Se eu tivesse o vigor doutrora, entrava lá no castelo sózinho. Desafiava esse leão, cara a cara. Bastava-me o meu junco. Tantas vezes varri com ele as feiras de Ponte de Lima, Lanheses e e S. Julião de Freixo. Nunca soube o que era ter medo! E a minha

fortuna era a saúde, a noite e o dia. Foi isso tudo que meus pais me legaram. Olho fino e pé ligeiro. — *a Pirecas com cinismo* — E és tu o capitão!... És tu que tens o privilégio de passar os salvo-condutos para os compadres que pagam a avença. Dás um passaporte para viajarem de noite nos nossos domínios. Tens a primazia de dar ordens e leis... Ordens e leis ordinárias... És tu, que com os teus assobios, dás o lamiré aos teus comparsas, nas noites escuras... Tu cegas-la, Tone. Era a tua escola para os aprendizes. Julgas-te um comandante, e és um cu de medo! — *olhando-o altivo* — Reage homem, ou já nem tens sangue de gente?! — *arrogante* — Cagarola... — *Altivo* — Ir ao castelo, é que se vai, doia a quem doer... — *aparte* — Nem que eu tenha que assassinar algum cá dentro...

PIRECA — *revoltado* — Chega de insultos, meu pai — *noutro tom* — A paciência e o respeito podem acabar primeiro...

FANFARRA — Ah! Sentiste as punhaladas... Pois é bom que as sintas agora — *alto e de frente* — antes que te levem a um patíbulo, miserável...

PIRECA — *saindo* — Raio de velho impertinente.

FANFARRA — *olhando a porta e rindo com cinismo* — Só assim consigo encrespar-te! Faço de ti o que quero.

XII CENA

JOAQUINA — *Entra radiante* — Bravo, avô. É assim mesmo. O pai estava indeciso! Era o que faltava agora, Esse figurão do Fernando de Corutelo, não deve ser nenhum lobisomem que assuste cá a gente, — *vaidosa* — pelo menos esta sua neta, caramba. — *apontando umas correntes penduradas* — Até gostava de o amarrar com aquelas correntes, e depois espetá-o — *tira da cinta um punhal* — com este brinquedo... enterrá-lo pela boca até ao cabo, até sentir golfadas de sangue sobre as minhas mãos, desse sangue azul de fidalgo...

FANFARRA — *abraçando-a* — És um tesouro, minha neta. Corre nas tuas veias o sangue dos Fanfarras de Trás-os-Montes. Tens fibras duras como aço rijo — *admirado* — Carambas... pelo teu lado, a geração não acabará. És da mesma laia barbuda da padeira de Aljubarrota ou da Maria da Fonte...

XIII CENA

PADORNELO — *entra com 1 saco às costas* — Ora viva cá a malta.

FANFARRA — *olhando-o* — Mau. Que é que falta aqui?

PADORNELO — *abrindo o saco* — Nada meu amigo. Há-de sobrar até.

JOAQUINA — *acariciando-o* — Tu ainda vales 10 reis — *reparando* — Caramba rapaz, onde arranjaste tudo isto!

PADORNELO — *sentando-se* — Ora, como havia de ser. Como de costume. Quando eu e o Fornoca seguíamos para os «Alpões», vi ali pelas alturas da Senhora das Neves, que um homem com um saco às costas vinha em nossa direcção. Escondemo-nos por trás dum muro à espera dele. Ao passar junto de nós, acertei-lhe na nuca uma cacetada bem assente. O homem tombou logo. O Fornoca ao vê-lo no chão, arremessou-lhe sobre o peito um grande penedo... Enquanto o sujeito se rebolava com dores, nós alancámos com o saco que ele trazia.

JOAQUINA — *gozona* — Aliviaste-lhe o peso...

FANFARRA — E o Fornoca aonde está?

PADORNELO — Ficou a tirar-lhe a roupa.

FANFARRA — Bravo rapazes. É assim mesmo. Haja só um ofício, mas bem desempenhado.

JOAQUINA — Assim até dá ganas de cantar.

PADORNELO — Eu cá sou assim. Quando saio não levo o coração comigo. Esse — *olhando Joaquina* — fica aqui contigo rapariga.

JOAQUINA — Tens sangue nas mãos!?

PADORNELO — *olhando as mãos* — A cacetada que dei levava lume... e rebentou-lhe o toutiço.

XIV CENA

FORNOCA — *entra com a roupa do homem* — Ora vivam todos. — *poisando a roupa* — Mais um enxoval p'rá gente...

FANFARRA — Correu-vos bem a coisada...

FORNOCA — Bem ou mal, é o que calha. Se não for a bem, vai a mal e de qualquer maneira...

JOAQUINA — *reparando* — Que é isso Fornoca?! Uma orelha!...

PADORNELO — *pegando nela* — Valha-te o diabo. Além de lhe tirares o saco e a roupa, ainda lhe cortas uma orelha! Diabos te mordam!

FANFARRA — Foi sádico, mas fez muito bem. Quanto mais pânico causarmos, mais respeito incutimos...
A música quer-se bem tocada.

JOAQUINA — *satisfeita* — Ora cá estão dois jeitosos para o tal combate.

PADORNELO — *admirado* — Combate?!

JOAQUINA — Sim homem. Então não sabeis que está para breve o assalto ao Corutelo?

PADORNELO — *gozão* — Ena pai o que aí vai — *afagando Joaquina* — Ou estás inspirada, ou há por aí pinguita a incomodar o testo...

FANFARRA — *sai.*

PADORNELO — Se a coisa é assim de tanta monta como dizes, eu estou aqui para as curvas...

FORNOCA — Lambança tens tu, mas é à beira desses olhos...

PADORNELO — O que tu tens é inveja — *ao Fornoca* — Quando me encontro com esta pardeja, até sinto pulgas na barriga das pernas a fazer cócegas.

FORNOCA — Pois fia-te nessas pardejas e espera pelo troco.

JOAQUINA — *zangada* — Você tem alguma coisa a ver comigo, seu focinho de porco. — *enojada* — até me dá vómitos ouvi-lo...

FORNOCA — *olhando-a* — Tem cuidado com a língua, grande gibóia.

JOAQUINA — Cuidado tenha você seu crocodilo.

FORNOCA — *avançando* — Já te disse ouviste?

JOAQUINA — Não avance. — *Tira uma faca da cinta* — Se dá mais uma passo rasgo-lhe a barriga de lés a lés.

PADORNELO — *a meio* — Eu quero ver essas bravuras em breve. Aqui dentro são todos valentes, mas é só aqui de trás das bouças. Aqui nestas sombras de Algares onde se acoitaram — empurrando um e outro — Isso é mijo de porca parideira... (os dois saiem).

XV CENA

FANFARRA — *entra contente* — Eh rapazes, os reforços estão a chegar — *ao Padornelo* — Anda ver aqueles 2 que vieram da Estela — *a uma janela* — Que ricos cavalos eles trazem... *(esfregando as mãos)* até arrebento com a alegria; conosco, o rei D. Sebastião não tinha morrido em Alcácer Quibir e nós seríamos Marqueses...

PADORNELO — Ai, isso era. Marqueses ou Viscondeses...

FANFARRA — Morrer não morria, mas sem o seu cavalo é que ficava.

PADORNELO — Sem o cavalo e mais alguma coisa, porque uma graça merece outra.

FANFARRA — É claro, que de graça e a seco andam os cães. — *chamando à atenção* — Olha, olha, o Sancho a surripiar a troucha a um deles — *deitando as mãos à boca* — alto, tu cega-la. Tone.

XVI CENA

JOAQUINA — *entra correndo* — O pai, o pai?

FANFARRA — Parece que viste o diabo! Que queres ao pai?

JOAQUINA — Ó avô, está a chegar gente de toda a banda! E alguns trazem cada bacamarte, venha ver. — *a uma janela* — Olhe o que aí vai de tropa para nos ajudar. E alguns têm cada cara. Parecem mesmo os judeus que estão nas capelas do Senhor Bom Jesus de Braga.

— *erguendo os braços* — Ai que alegria eu sinto hoje dentro destas entranhas, até me dá ganas de cantar.

XVII CENA

PADORNELO — *entra com uma viola* — É gente desta casa, temos lá fora um regimento de tropa e armados até aos dentes — *abraça a Joaquina* — Canta, canta comigo rapariga — *dedilha a viola.*

JOAQUINA — Então aí vai Padornelo. Quem canta, o seu mal espanta.

Os teus olhos são marotos,
Dizem coisas a olhar.
São como 2 gafanhotos,
Que só pensam em roubar.

PADORNELO — Cantaste bem, sim senhor!
Eu dou-te os meus parabéns.
Se queres ser o meu amor,
Dá-me esses olhos que tens.

JOAQUINA — Os meus olhos não os dou.
Quero ver-te noite e dia.
Eu com eles nada sou,
E sem eles não te via!

PADORNELO — Guarda-os então muito bem.
Mas dá-me o teu coração.
Sem ele, não sou ninguém,
Nem sequer um bom ladrão!

JOAQUINA — Que raio d'homem tu és,
Que nem serves p'ra roubar!
Vais então levar, c'os pés,
Já não 'stou p'ra te aturar.

PADORNELO — Grande camião de gaz,
Gibóia d'alma peluda.
És mulher de Satanás
A mais feia e façanhuda!

XVIII CENA

PIRECA — *à porta, ameaçador* — Estais na pândega, malditos! — *ao Padornelo* — Senão fosse precisar de ti agora — *mexe na facha à cintura onde traz as armas* — tinhas os dias contados. — *noutro tom* — Enquanto lá fora tudo se apronta, esta cambada faz festa! — *à Joaquina* — Tu gata brava, — *dá-lhe com a arma* põe-te ao largo — *alto* — Já...

JOAQUINA — *sai.*

PIRECA — *ao Padornelo* — Anda cá.

PADORNELO — *avança receoso* — Estou aqui.

PIRECA — Quero respeito, ouviste?

PADORNELO — É cá o meu feitio e burro velho não toma andadura...

PIRECA — Vou avisar-te pela terceira e última vez. — *alto* Ouviste ou não ouviste? Foge da minha cólera, não tentes mais enevoar os limites da minha paciência — *noutro tom* — Ai de ti e de mim, se ela acaba. Eu ando demasiadamente nervoso para temperar os nervos e nestes dias foge da minha sombra...

MUNICIPIO DE BARCELO
BIBLIOTECA

PADORNELO — Nunca fui homem de grandes medos...

PIRECA — *dum salto, encosta-lhe o cano dum revólver ao pescoço* — Repete o que disseste. — *Alto* — anda cão danado.

PADORNELO — *dá um salto atrás, puxa pelo revólver dele* — Se dás mais um passo morremos ambos.

XIX CENA

MANUEL — *corre, mete-se a meio* — Tenham calma homens de Deus, ou melhor; homens sem Deus.

SANCHO — *à porta* — Olha que engraçado, parece um Calvário, Jesus Cristo entre os dois ladrões.

MANUEL — *ao Padornelo* — Retire-se desgraçado.

PADORNELO — Retiro sim, mas não é com medo... — *sai.*

PIRECA — *ao Manuel* — Ficas avisado duma vez para sempre. Nunca mais te metas nos meus destinos. — *à parte* — cão raivoso... a tua ousadia vai ficar-te cara Padornelo. Há mais marés que marinheiros... verás. Já te poupei a vida em Vila Franca e já te livrei duma boa surra nas festas de Santa Marinha, em Forjães. Por seres refilão moeram-te os ossos em Vila de Punhe e noutra vez em Fragoso. Não aprendes!

Pois garanto-te que não irás longe...

MANUEL — *sai.*

PIRECA — *continuando* — És mesmo ordinário! Os cobardes só zurram quando têm perto quem lhes defenda as costas.

XX CENA

MANUEL — *entra com uma mulher e um pequeno* — Meu pai, esta mulher quer falar-lhe.

PIRECA — *olhando-a com desdém* — Que falta?

MULHER — *chorosa* — Senhor, peço-vos por amor de Deus que me escuteis.

PIRECA — *comovido* — Assim farei senhora. Diga o que quer.

MULHER — Sou pobre como Job, senhor. Tenho em casa 9 filhinhos, e com este que veio comigo, são dez. Tenho dez boquinhas inocentes para sustentar...

PIRECA — E que tenho eu com isso?

MULHER — Ontem à noite o meu marido trazia um saco com roupinhas que os fidalgos dos Alpões lhe deram, e, perto da Senhora das Neves, dois homens tiraram-lhe o saco e bateram-lhe tanto, que está em casa a deitar sangue pela boca. — *ajoelhando-se aos pés do Pireca* — Tenha compaixão dos pobres, senhor. Não nos chegará a fome para nos torturar?

PIRECA — *erguendo a mulher* — Não sei de nada criatura de Deus. Esses homens seriam dos meus?

MULHER — O meu marido conheceu um.

PIRECA — Quem era?

MULHER — Era o Padornelo.

PIRECA — *para o Manuel* — Sabes alguma coisa?

MANUEL — Sei meu pai. O saco ainda está ali — *vai buscá-lo.*

PIRECA — Tome o saco se é este. Como vê, eu não sabia de nada.

MANUEL — Esse patife nem aos pobres perdoa! — *à mulher* — Perdoe-nos senhora. Como vê, não foi o meu pai. — *ao pai* — Com esse patife foi também o Fornoca, e este criminoso cortou ao desgraçado um pedaço duma orelha!

MULHER — *erguendo os braços* — Senhor Pai de Misericórdia tende piedade de quem é pobre.

PIRECA — *com as mãos sobre os ombros da mulher, diz comovidamente* — Vá embora mulher, vá. Leve o seu saquinho — *tira do*

bolso algumas moedas — e tome este dinheiro para comprar pão para os seus meninos. Deus é Bom Pai, lembre-se de mim nas suas orações.

MULHER — *pega nas moedas e beija-lhe as mãos* — Que o Senhor o ajude.

PIRECA — Ó Manuel, acompanha esta senhora até ao Reboledo. Que ninguém lhe toque.

MULHER — *sai com o Manuel.*

PIRECA — *só abatido* — Como estas coisas me pesam tanto na minha alma — *erguendo as mãos* — Ó Virgem Nossa Senhora Aparecida que tanto tens ajudado aqueles que vos imploram. Dai uma solução honrada à minha vida fora da Lei de Deus e dos homens. Sou assim, um grande pecador, porque nasci pobre, e a fome é negra, Virgem Mãe. A fome é negra... a fome é negra e os homens que têm pão de sobra, e que chegava bem para mitigar a fome dos pobrezinhos, preferem estragá-lo... foi por isso, Virgem Santa, foi por isso, que eu violei o 4.° Mandamento.

XXI CENA

SANCHO — Senhor capitão, chegaram agora ali, aqueles três gabirús dos lados de Laúndos que nos roubaram o macho, quando assaltamos a Casa das Torrelhas em Balugães. É preciso dar-lhes uma lição.

Estes são os nossos domínios, e é preciso que eles o saibam bem.

PIRECA — Está bem Sancho. Não lembres isso a ninguém. Deixa comigo.

SANCHO — O tio Fanfarra e o Fornoca já os conheceram e andam a vigiá-los, com os bacamartes carregados...

SANCHO — *sai.*

PIRECA — Que vida esta, meu Deus. Se os homens quisessem ser mais humanos, distribuindo o que lhes sobeja. Se o socialismo

que se apregoa, fosse puro na sua essência, não havia ladrões nem homens fora da Lei.

Se houvesse pão para todos com igualdade e fraternidade, não eram necessários fechos nas portas nem armas que matam.

O mundo seria um Paraíso.

A falta de pão, é a causa de tanta guerra, e a causa dos homens não serem correctos uns com os outros... O pão, só o pão. Sempre o pão, nas bases dos litígios humanos e das nações. *(Olhando o Céu)* Louvado seja Deus — *à parte* — ganharás o pão com o suor do teu rosto...

XXII CENA

FANFARRA — *entra com Fornoca* — Há novidade?

PIRECA — Queria preveni-los do seguinte: Chegaram há pouco aí, uns camaradas, vindos dos lados de Laúndos que é preciso respeitar. Eles vieram para nos ajudar nas idas a Corutelo. Portanto, do Rebolêdo a Algares e do Rio Neiva até à Citânia, têm que ter campo livre. Que ninguém ouse incomodá-los. O que lá vai, lá vai. — *bem de frente para os dois* — Entendido?

FANFARRA — Por pouco lhes valeste. — *mostrando um bacamarte* — Esta estrobenga está atestada com pedaços de pregos e bocados de ferro de potes. Nem tugiam nem mugiam. Era uma fartadela para os peixes ali do rio — *concordato* — Não o queres, pois bem, fica para outra vez. — *a Pireca* — Mas fica sabendo que não perdem pela demora. Quem com ferros mata com ferros morre. Na vinda, fazemos as contas antigas — *ao Pirecas* — Tu sabes bem que quem mas faz, paga-as com língua de palmo, e não é agora de velho que vou esquecer... — *à parte* — «É fam comote fam». Se o crime não compensa pelo menos saciamos a raiva. — *para o Fornoca* — Vamos embora rapaz. — *saiem os dois.*

PIRECA — *abatido e acenando a cabeça* — Sempre isto, sempre isto! Onde não há Deus, não há paz nem tranquilidade. Os homens quando chegam aqui, já têm descido todos os degraus da sociedade...

Para baixo não há mais degraus...

Este é o último. É a soleira onde vegetam os maltrapilhas, os escroques, e a ralé dos homens sem Leis nem limites, a desenfreadas ambições.

São os abutres, os espectros da raça humana... E o velho do meu sogro, esse arrogante Fanfarra dá-lhes força, incita-os, e até os impele para o crime.

Com os pés para a cova, — *Deus me perdoe esta heresia* — não acorda, não se atreve a erguer os olhos para o Céu. Vive cego, nesta escuridão maligna, onde a aurora desponta e fenece, sem um sorriso ou um louvor.

Dormem sonhando com o mal e acordam a praticá-lo!

Para estes canalhas não há meios termos, nem résteas de sensibilidade. Têm os corações empedernidos e um ódio tenebroso a tudo que os rodeia! Filhos de Caim! Pata que vos lamba...

— *Noutro tom* — E sou eu o chefe desta escumalha podre e fedorenta!... Sou eu o responsável por tantos e tantos crimes levados a cabo nestas terras do Vale do Neiva... Meu Deus perdoai-me.

Nasci sem leira nem beira; sem confortos de nada, apenas a urze e os matagais das fraldas dos montes Crasto e Carmona. Mas eu e os meus que não somos erbívoros, necessitamos do pão que os poderosos nos negam... o pão nosso...

Foi assim meu Deus, foi a fome que nos levou ao crime. A fome é negra e não pode haver ser humano em qualquer parte do mundo, que a suprte sem reacção.

A minha reacção foi procurar alimentar-me. O homem tem o direito natural de subsistir segundo as Leis do Criador.

Mas esse alimento que sobeja a alguns, falta a muitos que morrem de fome.

Cheguei a estender a mão à caridade, mas não a encontrei no meu caminho. Desesperei meu Deus... e comecei então por roubar fruta nos campos deste Vale, depois... Tudo tem um princípio; comecei a resvalar, até que caí... sem apoios. Senhor, dizem os livros sagrados que eras pobre e filho de pobres como eu sou. Os livros não dizem, que eu saiba, que algum dia passasses fome.

E a fome, meu Pai, é o flagelo mais duro que jamais qualquer ser vivo pode suportar.

Vós que foste o primeiro socialista do mundo, no bom termo da palavra, ajudai-me a suportar esta cruz que me amarfanha os sentidos e a alma.

Os homens que me condenam hoje, teriam evitado tudo o que sou, se me aceitam quando lhes pedi trabalho. Era o trabalho hon

rado que sempre sonhei. À falta deste, pedi pão. Só pão meu Deus, e Vós Senhor, bem sabeis com que vergonha eu o fazia... — *à parte* — pobre de quem é pobre...

No princípio do mundo havia a igualdade entre os homens. Não havia ricos nem pobreza! Hoje, uns têm tudo, são senhores do mundo, os outros passam fome. Nunca consegui entender, como foi que os primeiros se apossaram da Terra que era de todos e foram reis e soberanos. Ladrões sérios! Bem diz o povo na sua sabedoria — Quem nesta vida não rouba nem herda, é toda a vida um merda — *olhando o Céu* — Pai Nosso, dai-me o pão de cada dia. Isso me basta...

Se Vós Senhor, deste aos passarinhos asas para voar, e toda a liberdade de se banquetearem na Terra, porque é que a mim, feito à Vossa imagem e semelhança, colocais barreiras intransponíveis entre o pão e o homem.

Porque fui eu banido duma sociedade que até sabe rezar o Pão nosso de cada dia e outras Obras de Misericórdia? Sociedade hipócrita que fala com Deus sem a verdade que Ele conhece. Mundo egoista que não quer ver o seu irmão como sangue igual ao seu.

E porque preciso de pão para viver, sou escorraçado e apunhalado pelo desdém. Abandonaram-me, desprezaram-me. O meu pecado foi nascer pobre.

XXIII CENA

MANUEL — *entra muito triste* — Tudo consumado!... Fora destas portas, estão reunidos todos os parasitas do Norte do País... A escumalha...

Há uma azáfama desmedida, uma ânsia incontrolada de partir!

Homens e burros se atropelam inconscientemente. — *à parte* — Que cegueira!...

— *Ao pai com carinho* — Você não vá meu pai, vaticina-me o coração, uma grande desgraça nesta empresa.

Os homens ali fora, já vi que não se entendem; ninguém vai querer obedecer. Há entre todos o orgulho do comando e vão-se falsear uns aos outros premeditadamente... apenas e só para os verem cair no abismo.

PIRECA — *abatido* — Foste sempre um pessimista, mas agora, acho que tens razão...

Tudo na vida tem um fim... os meus cabelos brancos ensinaram-me a ter muita prudência e cautelas em coisas de muito menos monta. É por isso que receio, também como tu, esta desajeitada saída. Tudo se conjuga para o fracasso.

Nunca quiseram ouvir os meus conselhos, e guiaram-se sempre pelos ímpetos incontrolados duma cegueira que os arrastará ao insucesso e depois ao cativeiro.

MANUEL — Por isso mesmo, o pai não deve ir.

Foram eles os mentores de tudo.

Nunca aceitaram ponderação para travar as suas loucuras de homens sem Lei.

Pois é justo que vão sós, que sofram sós a ousadia de violar os domínios de gente que está ligada à realeza.

Que paguem com os ossos esse vil atrevimento. É Obra de Misericórdia castigar os que erram...

XXIV CENA

FANFARRA — *entra* — Tudo pronto. Há cavalos e armas ali fora para invadir Castela. Nunca vi coisa assim! Sinto-me orgulhoso do que vejo; e até me apetece cantar!

Nunca senti no sangue o que sinto agora neste momento. Se tivesse um chapéu como o de Napoleão, levava-o bem altivo na minha nuca; parece que o meu sangue rejuvenesceu nas veias, tal é a vontade que sinto de partir. — *noutro tom* — Queres que te diga; com este exército que temos, e comigo a comandá-lo, nem é preciso grandes cautelas, tudo cairá à nossa frente — *com raiva* — esmagados, pontapeados, violados... — *ao Pireca com entusiasmo* — Deixas-me comandar hoje esta tropa? Será a maior alegria da minha vida...

PIRECA — *fitando-o com alegria* — Seria capaz?

FANFARRA — Nem duvides.

PIRECA — Olhe que esta aventura é bastante arriscada...

FANFARRA — Para mim não há riscos. Adoro o perigo e as dificuldades e nunca me saí mal deles, por isso, esta aventura seduz-me...

PIRECA — *satisfeito* — Pois seja como quer e que seja feliz. Mas devo-lhe recomendar que cautelas e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém. O senhor tem idade de sobra para se governar...

FANFARRA — *abraça-o* — Adeus até à volta — *olhando o neto* — Tu ficas aqui lingrinhas — *sai aos saltos* — ouve-se fora o rinchar dos cavalos e algum alarido.

PIRECA — *indo à janela comenta muito triste* — Nem sabeis para onde ides. Há alguma coisa dentro de mim, que me diz coisas que eu não entendo, mas... suponho.

MANUEL — São as mesmas meu pai, que eu venho sentindo há muito tempo e me carregam como um fardo pesado que nem me têm deixado dormir.

É a voz da consciência.

Alguma alma boa intercede por nós.

XXV CENA

JOAQUINA — *entra a correr* — Vocês não vêm?

Cobardes... — *agarrando a arma do pai* — Dê cá isso, que na sua mão já não presta. — *vai a sair e diz à porta* — Olhe que esta arma que lhe tirei, ainda hoje vai matar meia dúzia, ou eu não seja o Camião do gaz. — *sai.*

PIRECA — *à janela com Manuel* — Alguns de vós não tornareis aqui. A ambição cegou-vos — *vira-se para dentro, abraça o Manuel* — Seja o que Deus quiser.

FIM

(Fecha o pano)

2.º ACTO

Sala de aspecto fino, embora obedecendo à época. Fins do século XIX.

Ao abrir o pano vê-se que os donos do castelo, e amigos, bailam. Bastam 3 pares.

A música, obedecendo também à época, deve ser clássica.

Passados alguns minutos, um criado da casa, oferece bebidas com uma bandeja. Alguns bebem.

D. ANA — *entra um pouco dentro e pára olhando o Baile* — Dá prazer ver-vos tão felizes nesta tranquilidade familiar. O sossego desta casa foi sempre o orgulho dos meus pais e dos meus avós. Neste recanto minhoto, onde a natureza foi tão generosa, sente-se a paz de Deus a tranquilizar os nossos espíritos como bálsamos divinos. Deus eja louvado. — *retira-se* — A música pára um pouco e os pares sentam-se.

FERNANDO — *que tem dançado* — A dança regála-me quando não tenho obrigações mais prementes que me façam exercitar este físico. Gosto muito do movimento, adoro qualquer exercício duro.

JOÃO — Um homem com a destreza que o Fernando tem, deve mesmo procurar o movimento do corpo como um hóbi.

FERNANDO — Assim faço sempre que posso, para conservar a forma. Mesmo assim o requer o compromisso que tenho com Sua Alteza Real que Deus guarde. De repente pode ser necessário a minha presença perante Sua Majestade, e eu não quero que duvidem sequer da minha pujança como fidalgo de confiança da Corte. Fui sempre leal, e honro a minha ascendência com a veneração própria a que os meus antepassados têm jus.

JOÃO — São assim os cavalheiros. É a sua dignidade que os define.

— A música ouve-se de novo, e os pares começam a rodopiar.

Depois de rodarem o tempo que o ensaiador entender, porque está no seu critério, a demora mais ou menos prolongada.

CRIADO — Discretamente entra na sala e faz um gesto ao patrão Fernando.

FERNANDO — Aproxima-se do criado, depois de pedir licença à dama; falam baixo e Fernando pede licença para sair, o que faz. O baile continua, como nada de anormal se passasse.

Ouve-se o correr de alguém dentro do castelo. Os bailarinos prestam a isso alguma atenção embora o baile não pare.

Ouve-se depois cair com estrondo algum utensílio dentro de bastidores que começa a preocupar os presentes.

Passado algum tempo depois ouve-se um tiro e então o baile pára.

FANFARRA — *entra com Fornoca na sala apontando as armas aos presentes e diz* — Mãos ao ar. — *os presentes erguem as mãos* — *ao Fornoca* — Revista-os.

FORNOCA — *Apalpa-lhe os bolsos; ao revistar uma senhora, esta dá-lhe uma bofetada, correspondendo o Fornoca com uma corunhada no traseiro.*

FANFARRA — Procura aí por dentro as jóias e tudo o mais que tiver valor. Rápido, que estes não se mexem. O que o fizer é morto a ferro frio. Basta mexerem-se para eu descarregar.

FORNOCA — *Entra nos bastidores.*
— *Fora, ouvem-se mais tiros.*

FANFARRA — Ouvis? São os meus homens a matarem tudo a eito.

UMA SENHORA — Fernando acode-nos.

FANFARRA — Hoje ninguém vos pode socorrer. O Fernando já está engaiolado nas nossas forças.

SENHORA — *cai inanimada.*

JOÃO — *dirigindo-se a Fanfarra* — Senhor, seja homem. Esta senhora precisa de socorro.

FANFARRA — Se alguém se mexe, eu mato-o num repente. — ouve-se fora, mais tiros.

FORNOCA — *entra com um saco, que diz serem jóias* — Encontrei numa arca uma fortuna em ouro que meti neste saco.

FANFARRA — Coloca aqui junto de mim e vai procurar mais.

FORNOCA — *sai de novo* — *Fora ouve-se alarido e vozes.*

FANFARRA — *aos presentes* — Ouvis? É o meu Batalhão a invadir os vossos domínios, matando os vossos criados e os

vossos cães. Ninguém ficará de pé neste castelo nem nos seus logradouros. Seremos implacáveis contra tudo que vos pertence. Seremos duros. O vosso poder acabou. Não há bem que sempre dure, nem mal que não acabe. É o vosso caso e o nosso.

FORNOCA — *entra de novo e muito entusiasmado* — É camarada Fanfarra, lá fora parece uma guerra. Os nossos estão a tomar terreno, e depressa chegarão cá dentro para levarmos tudo e depois incendiarmos este casarão.

JOÃO — E nós? — *a senhora levanta-se.*

FANFARRA — Não queremos testemunhas. — *às pessoas do Castelo* — Vocês serão queimados vivos aqui dentro.

JOÃO — Tenha piedade destas senhoras...

FANFARRA — A piedade não faz parte do meu vocabulário.

JOÃO — O senhor não tem esposa e filhos?

FANFARRA — Nunca tive nem preciso. Odeio mulheres e quem gosta delas...

JOÃO — O senhor já não é novo, tenha ao menos um pouco de caridade por quem sofre sem lhe ter feito nenhum mal.

FANFARRA — Nasci sem coração. Sou filho do inferno e é para lá que espero ir. E não quero mais conversa.

As suas palavras enojam-me.

Cheguei aqui dentro, e isso foi a maior alegria da minha vida.

Há muitos anos que esperava entrar neste castelo, e os meus desejos concretizaram-se.

JOÃO — Senhor...

FANFARRA — *Dá-lhe com a arma* — Já lhe disse que se calasse. Hoje aqui não ficará pedra sobre pedra. Serei cruel, o dia da minha vingança chegou.

CRIANÇA — *entra correndo* — Mamã, mamã, anda lá dentro um homem a mexer em tudo e a guardar num saco.

SENHORA — *abraça a criança* — Anda cá meu amor.

CRIANÇA — *olhando Fanfarra* — Hei que homem feio!

PADORNELO — *entra, mostrando sangue no rosto* — *Para Fanfarra* — Mexa-se, que lá fora há uma luta desesperada no escuro da noite; alguns dos nossos estão caídos no chão. Um homem cá do castelo leva tudo à frente dele, parece Sansão!

JOÃO — É o Fernando, Deus o ajude...

FANFARRA — *dá-lhe com a arma* — Deus não se mete nisto. *Para o Fernando* — há aqui nesta arma, material que chegue para o retalhar. Ele que venha enfrentar o velho Fanfarra. Ele que venha...

PADORNELO — O Fornoca?

FANFARRA — Está lá dentro a amealhar o que pode. Vai ajudá-lo.

PADORNELO — *Ao sair dá um pontapé em João.*

JOÃO — Fazes isso porque estou preso sob aquela arma. Cobarde...

CRIANÇA — *dá um pontapé no Padornelo.* — *Fora ouvem-se tiros e alarido.*

FORNOCA — *entra com mais um saco cheio* — *que coloca junto do Fanfarra.*

FANFARRA — Não deixeis nada. Isto é hora de saque, tudo que vier é lucro — *ordena* — Vai de novo e fareja bem. Já lá anda dentro também o camarada Padornelo.

FORNOCA — *sai.*

CRIANÇA — *para o Fanfarra* — Tu és feio e és mau mas o tio Fernando vai-te puxar as orelhas.

FANFARRA — O tio Fernando hoje aqui, não pode nada — contra a força não há resistência possível, e a força está aqui toda do nosso lado. Temos homens e armas para vos prender a todos e deitar-vos ao rio.

JOÃO — *altivo* — Talvez se engane.

FANFARRA — Eu nunca me enganei. Os meus cabelos brancos atestam a minha experiência e ando nisto há dezenas de anos.

PADORNELO — *entra mas não traz nada.* — Nada encontrei de valor que pudéssemos levar connosco.

FANFARRA — *exaltado* — És mesmo um cão morto, um come e dorme. — *dá-lhe a arma* — Toma esta arma e vigia esta tropa que vou eu lá dentro. — *ao sair, vira-se e diz ao Padornelo* — Se alguém deste grupo se mexer, dá a matar, não tenhas pena. Porque de contrário, sou eu que te corto o pescoço — *sai.*

JOÃO — *olhando à porta para onde saiu o Fanfarra* — Velho do Inferno... Hás-de pagar tudo com língua de palmo. Juro-o.

PADORNELO — *apontando a espingarda* — Nem mais um pio, senão... — *os fidalgos juntam-se mais.*

FORNOCA — *entra de novo com mais roubo* — Aonde está o velho?

PADORNELO — Entrou lá p'ra dentro.

FORNOCA — *poisando o roubo* — Em casos destes há sempre onde pegar. Tudo tem valor, enquanto nas nossas casas só há miséria.

JOÃO — *chamando* — Levem o que quiserem mas poupem-nos a vida. Tomem atenção que o sangue puxa sangue e a vingança será terrível...

PADORNELO — A vingança?! Quem restará de vós para se vingar? Os homens serão apunhalados e as vossas mulheres irão connosco. São belas e jeitosas. É dessas que precisamos no nosso arraial.

JOÃO — Não se esqueçam das nossas famílias fora deste castelo. Serão elas os nossos vingadores. Tudo que fazeis agora, neste momento cruel, terá a vingança com juros. Bem forte era a Quadrilha do Zé do Telhado e desmoronou-se. Tudo acabou triste na Costa de África. O vosso atrevimento não passa duma ilusória ambição. Duma quimera sem pés nem cabeça, duns homens sem instrução nem raciocínio para se atreverem a enfrentar coisas sérias — *ouve-se fora durante estes diálogos, o batalhar da luta.*

PADORNELO — *aponta lhe a espingarda* — Chega de palavreado. Se abres mais a boca, ficas aí estendido como um cão. É a nossa justiça, e com um homem perdido ninguém se meta.

CRIANÇA — Eu vou buscar a minha pistola que o Pai Natal me deu no sapatinho e também te mato a ti. — *noutro tom* — És feio e mau e vais para o Inferno.

FANFARRA — *entra* — Que palavreado é este aqui? — *dá um pontapé na criança* — Que estás tu a meter-te com homens? Não viste ainda que estamos armados e que de repente podes morrer?

CRIANÇA — Também tu vais morrer que já és muito velho e feio e vais para o bicho dos cornos pretos.

SENHORA — Cala-te meu menino. Deus tenha piedade de nós.

CRIANÇA — *abraça a senhora.*

FORNOCA — *quem tem estado a uma janela* — O barulho lá fora é menor, e ouço o rinchar lá longe de cavalos perdidos na mata. Serão os nossos?!

FANFARRA — Que nossos, qual carapuça. A nossa gente é valente e firme — *olhando o Fornoca* — O que tu tens é medo, a luta é aqui fora do castelo, e é entre os homens. Os cavalos, mesmo que sejam os nossos, aguardam mais longe o desfecho da luta para fugirem com os vencedores.

FORNOCA — Os vencedores...

FANFARRA — Sim, homem. Os vencedores somos nós.

JOÃO — O último a rir é o que se ri melhor...

FANFARRA — Isto aqui não dá para rir, é um caso sério.

JOÃO — *adiantando-se* — O barulho acabou, cheira-me a uma esperança.

FANFARRA — Também a mim. A guerra está vencida, enterrai os vossos mortos.

FORNOCA — Se tudo acabou lá fora vamos matar estes.

CRIANÇA — *abraçando a mãe* — Não. Não.

JOÃO — Tenham piedade destes inocentes.

FERNANDO — *aparece a uma porta, roto e ensanguentado, aponta uma arma aos gatunos que estão juntos e diz:*

Miseráveis, mãos ao ar. Rápido. Ao mais pequeno gesto disparo. — *os gatunos olham-se surpreendidos — vão deixando cair as armas. João e os parentes aproveitam para entrarem em casa — Fernando dá um pontapé nas armas dos gatunos e junta-os a um canto sempre com a arma apontada. Chama pelo João* — João, anda cá.

JOÃO — *aparece.*

FERNANDO — Manda comunicar às autoridades de Ponte de Lima para virem buscar estas prendas e mais os que estão lá fora para serem justiçados à força da Lei.

JOÃO — *sai.*

FANFARRA — *Tenta reagir, mas leva com a arma e cai.*

FERNANDO — *dá um tiro* — Se vos mexeis mais, será para vós o segundo tiro.

Todos se acomodam.

CRIANÇA — *entrando com a pistolinha dele* — Eu mato o velho feio — *e dá com o objecto na cabeça de Fanfarra.*

O pano vai caindo lentamente

Composto e impresso na
Gráfica Casa dos Rapazes
4900 Viana do Castelo / 1988

Composto e impresso na
Gráfica Casa dos Rapazes
4900 Viana do Castelo / 1988

biblioteca
municipal
barcelos
55082
A quadrilha do Pirecas